

RENATA CRISTINA NUNCIATO

O TEATRO E SEUS BENEFÍCIOS NA REALIDADE ESCOLAR

CAMPINAS, SP

1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

RENATA CRISTINA NUNCIATO

O TEATRO E SEUS BENEFÍCIOS NA REALIDADE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o Curso de Pedagogia com
habilitação em Educação Pré Escolar
da Faculdade de Educação, UNICAMP,
sob a orientação do Prof. Dr. Valério José Arantes.

Campinas, SP

1998

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	YCC/UNICAMP
	N92t
V:	EX:
TOMBO:	112
PROC:	1247 03
C:	D: X
PREÇO:	R\$ 11.00
DATA:	31.1.10.12003
Nº CPD:	311090

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

N92t

Nunciato, Renata Cristina.

O teatro e seus benefícios na realidade escolar / Renata Cristina Nunciato. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Valério José Arantes.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Teatro. 2. Teatro e educação. 2. Arte e educação.
3. Dramatização. 4. Educação dramática. I. Arantes,
Valério José. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

Dedico este trabalho especialmente à minha mãe Maria, ao meu pai José Carlos, ao meu irmão Alex, às pessoas que moram comigo: Jana, Helena, Roque e Nice e a todos os meus amigos que me apoiaram e estiveram sempre ao meu lado.

Obrigada pela força!!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família, pela dedicação, apoio e carinho nestes anos em que estive em Campinas.

Agradeço a todos os que conheci nesta fase universitária, com os quais aprendi diferentes valores, culturas e o verdadeiro sentido da amizade e companheirismo.

Às minhas amigas de São Paulo, que sempre estiveram muito próximas nos momentos em que eu mais precisei. Obrigada pela força, meninas!!!

Agradeço ao Professor Dr. Valério José Arantes pela sua orientação, e principalmente paciência em relação aos meus atrasos e a minha total inexperiência como pesquisadora iniciante. Também ao professor João Francisco Duarte Júnior pela dedicação em ser o meu segundo leitor.

Agradeço à EMPG “Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco” e principalmente ao professor responsável pelo projeto de teatro pela oportunidade que me deram, sem a qual não seria possível a realização deste trabalho.

Um grande abraço a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram nesta caminhada do curso universitário, e principalmente quando da realização deste trabalho.

**“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a presença distante das estrelas!”
(Mário Quintana)**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	02
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	05
3. METODOLOGIA.....	16
3.1. Desenvolvimento da Pesquisa.....	17
3.2. Procedimento para a Coleta de Dados.....	19
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	22
5. O TEATRO NA REALIDADE ESCOLAR.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
7. ANEXOS.....	40
7.1. Entrevistas.....	40
7.2. Fotografias.....	47
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

A criança, para se comunicar, pode utilizar qualquer meio que esteja ao seu alcance, na tentativa de dizer coisas para as quais não encontra palavras. As suas emoções, sentimentos, desejos, os seus sonhos e fantasias podem ser expressos através de representações, a partir do momento em que haja um espaço para isso. O que acontece, na maioria da vezes, é um desencorajamento por parte dos adultos, que acaba inibindo a expressão natural da criança e, conseqüentemente, interferindo nas suas formas de comunicação e interação.

Sendo assim, é preciso oferecer à criança confiança e habilidades necessárias, que possam auxiliar nas suas formas de expressão, favorecendo sua própria personalidade.

A arte, neste sentido, é um instrumento altamente eficaz que valoriza as formas naturais e instintivas do indivíduo, desde que não se submeta a formas ou métodos estipulados e controlados por qualquer adulto. A criança precisa sentir-se livre para expressar todas as suas potencialidades, assim como para estabelecer laços com outros indivíduos e vínculos sociais.

Partindo das considerações acima e, acreditando que a educação pode ser um meio eficaz para o favorecimento da expressão natural e inata da criança, levando em consideração a não interferência do educador nesse processo criativo, é que surgiu o interesse para o desenvolvimento deste trabalho: "O TEATRO E SEUS BENEFÍCIOS NA REALIDADE ESCOLAR".

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida desde agosto de 1997, como exigência da disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso"; um estudo de caso numa escola de 1º. grau, da rede Municipal de Campinas. A partir de observações feitas do grupo de teatro da escola em questão, entrevistas realizadas com os alunos que participam deste grupo, juntamente com um embasamento teórico, numa perspectiva teórico-prática, este trabalho tem por objetivo comprovar se a prática corresponde à teoria, isto é, a análise do teatro (uma forma de arte) como um instrumento de desenvolvimento e aprendizado

aplicado no campo educacional, capaz de facilitar a livre expressão do corpo, pensamento e o relacionamento interpessoal dos alunos.

Este trabalho, portanto, mostrará um outro lado da escola, aquele que procura ajudar o aluno no seu mais íntimo desenvolvimento pessoal, a partir de uma prática que vem sendo desenvolvida através dos séculos e estudada em várias realidades: o teatro.

Acredito que o faz-de-conta faz parte do processo da vida. Na infância, este processo ocorre continuamente, tanto fisicamente quanto internamente. O "atuar" acaba ocorrendo todos os dias, em qualquer lugar e em qualquer momento: na rua, na família, com os amigos, na escola. É uma forma de expressão direta e espontânea, permitindo que a criança explore o seu mundo emocional.

As técnicas teatrais respeitam o desenvolvimento natural da criança, estabelecendo um espaço de liberdade para a criança descobrir, experimentar, desenvolver todas as suas capacidades humanas, e colocar seus mais íntimos valores e sentimentos, no contato com o meio e os outros ali presentes.

Analisando o teatro como total forma de expressão, tanto corporal quanto dos sentimentos, na utilização contínua da criatividade, ele torna-se uma prática que beneficia tanto o crescimento pessoal como também as práticas educacionais realizadas na escola.

Desta maneira, esta é uma proposta que pretende verificar a manifestação dos alunos no que se refere à prática teatral realizada no contexto escolar.

Tentarei abranger alguns aspectos positivos e negativos a partir da convivência com o grupo de teatro da escola em estudo, os quais me possibilitarão ter melhor visão do teatro na educação, em relação às formas de relacionamento e expressão.

Isso será obtido através da análise das condições em que a atividade teatral é trabalhada e pela análise das entrevistas realizadas com os alunos.

Assim, limito-me aqui a fazer um estudo do teatro na escola e saber o quanto esta prática influencia o desenvolvimento pessoal dos alunos, podendo, posteriormente, ampliar a pesquisa na tentativa de analisar as

influências que as técnicas teatrais exercem nas diferentes disciplinas curriculares da escola.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A preocupação central desse trabalho está voltada para o estudo da prática teatral no contexto escolar, com o objetivo de analisar os benefícios que suas técnicas proporcionam aos alunos, no que se refere ao desenvolvimento pessoal.

Para a realização da análise da pesquisa empírica, busquei, primeiramente, a fundamentação teórica do tema em questão - o que me possibilitará maior aproximação entre a teoria e a prática - com o respaldo de alguns autores que desenvolveram a temática a respeito do teatro, e outros da relação entre a escola e o teatro.

A partir de algumas leituras realizadas, levantei algumas considerações importantes referentes ao tema central deste trabalho, que serão explicitadas e esclarecidas. Tentarei dar uma visão de como o teatro é trabalhado no contexto escolar, e a sua importância a partir do estudo de alguns autores.

A arte é uma maneira que o homem encontra para expressar suas idéias e seus sentimentos, a partir da exploração constante da imaginação. Assim sendo, vejo a arte como um meio que beneficia o desenvolvimento moral e afetivo do ser humano, os quais envolvem os processos de pensamento, emocional, perceptual e interacional, possibilitando o vivenciar do próprio "eu". Em se tratando de arte no mundo infantil, DUARTE JR.. (1988) define:

"A atividade artística, no mundo infantil, adquire características lúdicas, isto é, tem o sentido do jogo, em que a ação em si é mais significativa que o produto final conseguido". (p.112)

Partindo da concepção do autor acima citado, é preciso considerar que numa atividade artística desenvolvida pela criança, o fator mais relevante é o processo desempenhado, em que a criança passa por uma série de etapas, a partir de seu próprio desenvolvimento de expressão, até chegar ao produto final. Também quando caracteriza a atividade artística como lúdica, não posso deixar de mencionar o teatro, que é uma forma de arte com características

lúdicas e que, relacionado ao campo educacional, é muito mais significativo o processo de criação do que o produto final.

Para elucidar melhor esta forma de arte - o teatro -, farei uma retomada da utilização do teatro na área de Educação.

O Jogo Dramático tem se desenvolvido em relação ao processo educativo através dos séculos. Na educação ateniense, o teatro era um instrumento educacional que transmitia conhecimentos, assim como o único prazer literário disponível. Em Roma, o teatro era utilizado com a finalidade de transmitir lições morais e, na Renascença, havia a utilização constante dos jogos e atividades físicas nas escolas.

No final do século XVI as atividades dramáticas surgem em várias escolas, em que era enfatizado a arte de falar, o canto, a dança, modelagem e pintura. Richard Mulcaster, um diretor de teatro da época, reconheceu no método dramático a utilidade para o ensino de outras matérias, com o auxílio dos jogos e atividades de movimento. Até Rousseau acreditava que a primeira educação da criança deveria ser regida através dos jogos e dos instintos naturais, como estímulo para o desenvolvimento do organismo.

Mas o teatro na escola só teve seu grande avanço no século XX, em que foi reconhecido como essencial à atividade educativa.

Trabalhando com as atividades instintivas e impulsivas da criança, sua espontaneidade e criatividade através de jogos, brincadeiras e mímicas, a criança tem a possibilidade de desenvolver seu jogo natural - Treinamento essencial para sua forma de auto-expressão.

COURTNEY (1974) apontou em sua obra que muitas escolas britânicas propagam a oferta de cursos de teatro, sendo, em muitas delas, o teatro considerado uma das principais disciplinas. Nestas escolas, crianças de 5 a 7 anos passam a maior parte do tempo entretidas no jogo, enquanto crianças de 7 a 11 anos têm horários especiais, destinados para o jogo dramático.

Já no Brasil, esta prática é bastante diferente: a maior parte das escolas públicas brasileiras não considera o teatro ou qualquer outra atividade artística como integrante do currículo escolar. Este ensino acaba sendo encarado apenas como atividade de lazer, sem qualquer finalidade essencial ao desenvolvimento do indivíduo. As escolas que possuem este "privilegio"

carecem de materiais, espaço e preparo do professor, o que dificulta, certamente, o prosseguimento do trabalho.

Se levarmos em conta que o teatro é uma forma de expressão corporal, voltada para a criatividade e expressão dramática, e que esta expressão corporal faz parte do ser humano, e surge, segundo REVERBEL (1989), já nos primeiros anos de vida, em que a criança busca formas de comunicação com o mundo desconhecido, deve-se considerar que a criança continua com a necessidade de se expressar quando entra na escola, e as técnicas teatrais podem beneficiar esta atividade.

Para a autora, estas capacidades de expressão precisam ser estimuladas pelos adultos, principalmente na escola, onde a criança tem a chance de explorar e descobrir, com a possibilidade de incorporar-se ao grupo social - sua primeira imagem da sociedade.

Na escola, quando algumas técnicas teatrais são aplicadas, os alunos têm a oportunidade de entrar em contato consigo mesmo, com o outro e com o mundo, em total liberdade para explorar suas próprias expressões.

Esta forma de exploração conseqüentemente acaba atingindo o lado emocional, intelectual e social do indivíduo, numa importante descoberta do seu próprio eu. Assim, numa constante interação entre seus próprios recursos internos com as condições externas, a criança tem a oportunidade de conhecer suas características, potencialidades e seus limites.

Trabalhando as capacidades de expressão, simultaneamente trabalha com aspectos inerentes a esta questão, como relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação, percepção e criatividade - fatores importantes que devem ser despertados nas crianças, e que as técnicas teatrais acabam enfatizando.

É preciso abrir aqui um parêntese para explicitar algumas definições a respeito do teatro utilizado na escola.

Muitas vezes utiliza-se o termo "teatro" para classificar qualquer tipo de atividade que busque o trabalho com a criatividade, espontaneidade, relacionamento, enfim, o trabalho de expressão. Alguns autores discutem a respeito de tal termo e tentam esclarecer os múltiplos conceitos que nele estão embutidos.

COURTNEY (op.cit) refere-se ao teatro utilizado na educação como Educação Dramática, que não necessariamente destina-se ao treinamento para palco, mas sim ao Jogo Dramático. Coloca as várias maneiras de se definir o teatro:

- “teatro:** representar perante uma platéia
 - jogo:** atividade a que nos dedicamos simplesmente porque a desfrutamos;
 - jogo dramático:** jogo que contém personificação e/ou identificação;
 - jogo de regra:** formalização do jogo em modelos com regras”.
- (p.XX)

E ainda enfatiza que a Educação Dramática na situação escolar distingue-se entre dois componentes:

- “Método Dramático:** utilização do jogo dramático na aprendizagem de várias disciplinas
- Teatro como tal:** jogo dramático com fim em si mesmo, voltado apenas para o desenvolvimento pessoal da criança, e como disciplina independente no currículo”. (p.XXI)

Portanto, o teatro no ambiente escolar não precisa introduzir necessariamente a técnica de palco, basta permitir à criança a total liberdade para expressar suas atitudes e idéias sobre alguma atividade na qual esteja engajada, o que propiciará o contato com os demais e o reconhecimento do próprio eu.

Partindo das definições de Courtney, o intuito deste trabalho volta-se para o estudo do teatro no ambiente escolar a partir do Jogo Dramático, com a finalidade de buscar os benefícios que esta prática favorece aos seus participantes, numa busca constante da identificação e construção de sua personalidade.

Nas escolas, muitas de suas atividades acabam não tendo o objetivo de teatro em si, isto é, partindo de um texto que traduz uma ação dramática. O que acaba sendo desenvolvido são atividades globais de expressão, que visam à formação de um ser dinâmico e social, influenciando o desenvolvimento pessoal.

Visto que o Jogo Dramático é uma atividade realizada nas escolas e muitas vezes definida como teatro, REVERBEL (1989) o classifica como um estímulo ao desenvolvimento das capacidades de expressão, em que a criança se diverte e libera suas fantasias, a partir da exteriorização de seus sentimentos mais profundos e de suas observações pessoais. E ainda afirma:

“O jogo dramático não é teatro. O teatro, geralmente, parte de um texto que traduz uma ação dramática evolutiva através de situações a serem vividas pelas personagens. Para a criança ou adolescente, este texto é uma barreira, uma cortina que quase sempre esconde a situação dramática”. (p.111).

SLADE (1978) caracteriza o jogo dramático infantil como o comportamento real do ser humano, uma maneira de a criança pensar, relaxar, trabalhar, criar, ousar, experimentar como um direito próprio. E ainda complementa dizendo que o jogo dramático auxilia a criança na descoberta da vida e de si mesma, através de tentativas emocionais e físicas.

O jogo dramático, para COELHO (1978), além de ter a função da liberação emocional, funciona também como improvisação, em que os participantes assumem papéis com características comuns, defrontam-se com uma problemática e tentam trabalhar em função de uma causa que satisfará todos ao mesmo tempo.

Assim, o jogo dramático, além de também poder auxiliar a elaboração de peças, favorece um relacionamento produtivo do participante com algumas situações e consigo mesmo, no que se refere ao reconhecimento e aceitação das suas próprias emoções. É uma busca constante do auto-conhecimento, a partir do momento que o indivíduo se libera e transpassa todo o seu interior.

BARATA (1979) também define claramente o seu conceito a respeito do jogo dramático, a partir dos seguintes tópicos: tem o objetivo de colocar em prática a manifestação da personalidade da criança, em que se cria uma linguagem para a situação dramática concreta; trabalha com o coletivo, na tentativa de diminuir o individualismo; não se trabalha com um texto fixo, porque parte da situação dramática para desenvolver um roteiro cênico; o jogo dramático ainda não é teatro e nem pretende ser, é apenas um exercício de comunicação.

Outro ponto importante que as técnicas teatrais podem estar beneficiando e que é um dos aspectos importantes desta pesquisa, refere-se ao desenvolvimento pessoal, quanto às formas de relacionamento entre os alunos.

REVERBEL (1993) assume a importância das atividades de relacionamento, isto é, da adaptação da criança ao grupo, e acredita que estas atividades favorecem o autoconhecimento e o conhecimento do outro, na compreensão de que ambos expressam-se de formas diferentes.

As atividades de relacionamento – seja entre criança e criança, adulto e criança, e na adaptação da criança ao grupo e ao espaço da sala de aula – devem ser desenvolvidas em qualquer trabalho e em qualquer conteúdo, o que favorecerá para a criança o reconhecimento de um mundo externo mais concreto e real, assim como as suas relações, no contato com os demais indivíduos da sociedade.

A Educação Dramática, sendo uma atividade social, processa-se sempre em grupo, pequeno ou grande, o que auxilia a interação entre os componentes e o seguimento de normas obedecidas coletivamente.

Em relação à importância da relação entre os indivíduos, COELHO (op.cit) cita:

“A colaboração de vários indivíduos, apesar da diversidade de seus pontos de vista, faz da criatividade algo bastante significativo na erradicação definitiva dos conflitos entre os homens. A diversidade de conceitos e formas leva ao respeito, reconhecimento e compreensão”. (p.4)

Desta forma, o autor coloca que a integração coletiva proporciona o espírito comum de trabalho sem despertar a competição, pois os participantes passam por dificuldades semelhantes e se auxiliam mutuamente. Lembra que primeiramente é necessário que estes se conheçam entre si, na tentativa de uma inicial interação a partir da apresentação do grupo.

É importante não esquecer que qualquer jogo é um recurso altamente social, em que os indivíduos, no trabalho em grupo, propõem um problema a ser solucionado e, juntos, envolvem-se na tentativa de solucioná-lo, respeitando algumas regras quando impostas.

Além de auxiliar na integração do grupo, o teatro, utilizado na escola como forma efetiva de expressão artística, também favorece a aquisição de conhecimentos, como um fim didático, e ainda funciona como excelente disciplina para se trabalhar a fala e a autoconfiança.

BARATA (op.cit.), em seu trabalho sobre os recursos e potencialidades que o jogo dramático proporciona às técnicas pedagógicas, afirma que estas atividades favorecem a criatividade do aluno e podem, a partir do jogo dramático, beneficiar a criação coletiva. Ele cita exemplos de atividades que auxiliam tanto na apreensão de conhecimentos, com base em algumas disciplinas, quanto na ampliação das noções dos alunos de seu significado teatral.

✓ O jogo dramático pode, então, ser utilizado como instrumento pedagógico, para facilitar a aquisição de conhecimentos, como também um meio de tentar solucionar os problemas que estão à sua volta.

Neste caso, o Jogo Dramático poderá favorecer uma montagem teatral, a qual não terá os mesmos objetivos que o teatro em si, ou seja, texto, representação, palco, platéia. No campo de história, por exemplo, o professor pode visar, no aluno, a formação de uma consciência coletiva dos fatos sociais, políticos e econômicos, sugerindo a elaboração de uma montagem teatral. Para que ocorra esta montagem, o aluno precisa levantar informações a respeito do assunto a ser tratado, tentando propor problemas que o levarão a uma busca mais frenética para a sua resolução - fato que beneficiará a criação de um texto que abordará os fatos importantes sobre o tema.

Há a possibilidade, então, de desenvolver um trabalho teatral utilizando a interdisciplinaridade, chamando à colaboração para a montagem do espetáculo outras áreas de ensino como a Literatura, o Português, a História, o desenho, a eletricidade e inclusive a acústica, aproveitando o conhecimento da Física.

No resto, todo o plano da disciplina pode contemplar a variedade de áreas específicas a que o espetáculo recorre, sem falar que juntamente com esta interdisciplinaridade, o professor estará trabalhando com as capacidades de expressão, criatividade, relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção dos alunos.

Para REVERBEL (1989), qualquer projeto pedagógico que vise à criança, tem que incluir em sua prática o jogo como uma forma de trabalho e não apenas como uma atividade, para poder beneficiar os alunos na compreensão dos conhecimentos. Esses conhecimentos serão transmitidos pelo jogo teatral de forma interdisciplinar, abordando temas de diversas disciplinas.

Enfatiza ainda que todos os temas propostos devem estar adaptados às condições de vida dos alunos, isto é, deverão partir da realidade e experiência de vida deles. Alguns temas, como por exemplo, festas populares, comidas típicas, tipos humanos característicos, jornais da região, brinquedos populares, podem servir como ponto de partida para o desenvolvimento de novas atividades, abordando várias disciplinas, a partir da realidade vivenciada pelos alunos.

COURTNEY (op.cit) acredita que a Educação Dramática é a base da educação da criança e o caminho pelo qual a criança se desenvolve, proporcionando uma nova visão do processo educacional, em que um significado real é dado à criança, ao contrário de antigamente, onde a escola não apresentava fins reais. E ainda:

"A educação dramática é uma disciplina acadêmica abrangente. Utiliza como instrumento todos os ramos do aprendizado que se relacionam com o impulso dramático. Utiliza ecleticamente toda e qualquer disciplina em um corpo unificado de conhecimentos, de maneira a que possa nos ajudar e compreender a natureza da experiência". (p. 58)

Lopes (1989), nos anos entre 1970 a 1973, desenvolve um trabalho com teatro, a partir do jogo dramático, voltado para a prática social. Enfoca o relacionamento entre grupos, onde todos podem participar, como prática de uma livre educação popular para quem o faz e para quem assiste. Além de despertar a sensibilidade, imaginação, capacidade de observação e criação, é um teatro que trabalha também os aspectos morais e sociais.

Lopes considera a importância de se oferecer à classe trabalhadora uma forma de arte educativa, no sentido de trabalhar a expressão pessoal e criatividade, tão abafadas e esquecidas na alienação do trabalho.

Assim, a autora relata:

"Resta apenas, e sobretudo, que ele seja também um teatro-ativo como forma de intervenção social, contribuindo para a libertação dos tiranizados, oprimidos e esquecidos". (p.10)

A partir de seu trabalho, Lopes pretende elaborar uma cultura criativa popular que irá se opor à cultura dos padrões capitalistas, a qual impede a arte de exercer seu papel social transformador. Para chegar a este objetivo, considera a extrema necessidade de alcançar a livre expressão do corpo e pensamento, na tentativa crítica de expressar conteúdos pessoais de quem os realiza. Trabalha-se o ato como maneira de pensar e agir sobre a sociedade.

"Fazer arte é o primeiro sinal dado para livrar o homem. Ela tem um papel a desempenhar no conjunto do movimento social e político que se organiza para a emancipação popular". (LOPES, 1989, p. 109)

A criatividade também é um aspecto muito trabalhado a partir das técnicas teatrais. Sendo a expressão um modo concreto, o indivíduo, a partir de sua expressividade, expande toda a sua capacidade criativa, transmitindo com isso uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e age.

Então, a criatividade apresenta alguns traços essenciais, segundo REVERBEL (1989): sensibilidade aos problemas (modo como o aluno questiona e tenta solucionar os problemas); capacidade de adaptação e síntese; senso de humor; sensibilidade estética e afetiva; intuição aguda; capacidade de empatia. E ainda afirma que a criança é criadora por natureza, a menos que o adulto a sufoque num ambiente opressor. E o professor, sendo foco principal nas atividades com os seus alunos, deve proporcionar o desenvolvimento efetivo da criatividade.

Fato que não ocorre em muitas escolas tradicionais, que limitam a criatividade do aluno e muitas vezes a negligenciam quanto ao desenvolvimento afetivo, essencial para o processo criativo.

MORENO (1984), em seu trabalho diretamente ligado à espontaneidade, explora-a como sendo a primeira característica do ato criativo, seguida de uma sensação de surpresa e depois de irrealidade, que se

vincula à mudança da realidade. É como se fosse uma "explosão" em que a criança fica ativa a construir, colocando na prática tudo aquilo que está sentindo e os seus mais íntimos desejos.

A criança é capaz de um auto-arranque espontâneo, mas cada uma possui o seu grau, o que varia de indivíduo para indivíduo. O autor define a espontaneidade como algo não permanente, e acrescenta:

"A espontaneidade é dotada de uma cadência rítmica, subindo e descendo, crescendo e desaparecendo como os atos existenciais e, não obstante, diferente da vida. Este é o estado de produção, princípio essencial de toda experiência criativa". (p.58).

Portanto, o estado de espontaneidade deve ser experienciado como um ato próprio, livre e autônomo, isto é, livre de quaisquer influências internas e externas do indivíduo que se expressa na sua mais sincera maneira de sentir e pensar, o que o ajuda tanto no seu aprendizado formal quanto no social.

No que se refere à expressão corporal, MIRANDA (1979) desenvolve um trabalho sobre a arte do movimento, em que não se limita apenas às atitudes externas (ações corporais) dos indivíduos, mas evoca também as atitudes internas, num processo em que há transformação da ação em símbolo de emoção. Assim, numa aula prática de movimento corporal, pode-se trabalhar simultaneamente os aspectos físico, mental e emocional. E em relação ao trabalho do movimento com as crianças, acrescenta:

"É principalmente durante a vida escolar que a prática do movimento é mais significativa, já que o potencial de movimento da criança ainda não sofreu as limitações dos moldes restritos da vida adulta".
(p.12)

Infelizmente, o que se vê hoje nas escolas, é que muitas crianças já chegam cheias de maneirismos aprendidos, com tensões físicas, músculos contraídos.

Há necessidade urgente de se trabalhar com o corpo. O que acontece, na maioria das vezes, é a exigência para que a criança fique sentada e concentrada nas atividades de sala de aula, sem levar em consideração a importância que o movimento representa para a comunicação da criança, para as suas interações e a expressão dos seus sentimentos. Para a criança

pequena, muitas vezes o movimento significa sua forma de se expressar e comunicar, utilizando para isto os gestos e mímicas que interagem junto com o corpo.

O que acaba acontecendo, então, é a credibilidade de que o movimento pode se dar no horário de recreio, sem nenhuma orientação específica e que, neste momento livre, o que ocorre na maioria das vezes é uma explosão motora de impulsividade, algo não comparado a um trabalho específico de movimento voltado para o corpo da criança, e que na maioria das vezes é referenciado como ato de baderna ou rebeldia.

Acreditando que as técnicas teatrais possam favorecer o desenvolvimento pessoal do indivíduo, cito BOAL (1997), que em seus anos de experiência no Teatro Arena de São Paulo, aborda em seu livro uma série de jogos e exercícios que trabalham algumas particularidades do indivíduo, como o “aquecimento emocional”, “jogos de integração do elenco”, e “queda de repressão”, sem contar a importância que é dada ao aquecimento físico (em que se trabalha com todo o corpo), ao aquecimento vocal e ao ideológico.

É desta maneira que eu vejo o teatro em benefício do ator e não-ator, como forma de comunicação e manifestação política, em que os exercícios utilizados acabam trabalhando com questões muito individuais de cada um, funcionando como um experimento da vida.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada numa Escola Pública de Campinas, a EMPG “Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco”.

Para a realização da análise dos dados utilizou-se como base a fenomenologia, onde o objeto e o sujeito são estudados em dependência mútua.

Por fenômeno entende-se aquilo que se torna manifesto, aberto a nossa compreensão. Para explicitar um pouco melhor esta questão, ARANTES (1993) afirma:

“O fenômeno só existe quando há uma consciência para percebê-lo. O objeto só é considerado como tal, quando a sua existência é intencionada na consciência. A conceptualização da experiência depende da relação estabelecida entre o objeto e a consciência intencional do sujeito que o percebe” (p. 36).

A fenomenologia, desta forma, enfatiza a interação entre sujeitos e objetos, em que o próprio pesquisador torna-se um instrumento de pesquisa. É uma metodologia que permite estudar os fenômenos em seus aspectos essenciais, através da redução-descrição-interpretação, fatores que não se limitam apenas aos comportamentos observáveis e são três fases inter-relacionadas no mesmo momento da pesquisa.

Na redução, observa-se o fenômeno em seus significados próprios, sem idéias pré-estabelecidas. O mundo transparece como é, em situações reais, permitindo a distinção entre fatos e essências. Na redução, o mundo é o correlato da consciência, em que há uma relação contínua entre a prática e a teoria.

A descrição é o momento em que se descreve o fenômeno com a maior clareza possível, tal como ele é, uma maneira de clarificar a experiência vivida. Torna explícito aquilo que está implícito, excluindo, a princípio, qualquer forma de imposição. Nesta etapa da descrição, o pesquisador precisa selecionar as perspectivas mais relevantes ao tema, já que o fenômeno é inesgotável em seus sentidos.

A interpretação procura o desvelamento da verdade, dos significados verdadeiros ainda ocultos na descrição. É o modo utilizado para tornar a compreensão explícita, onde não importam os significados atribuídos ao objeto pelas palavras, mas sim como o objeto se apresenta, um sentido direto.

3.1. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Após a realização de algumas leituras indicadas no levantamento bibliográfico do projeto, procurei definir o local onde seria desenvolvida a parte empírica da investigação, isto é, o trabalho de campo. Pelos próprios objetivos do projeto, esta etapa deveria ser realizada numa escola de 1º grau, da rede Municipal de Campinas, que possuísse uma proposta teatral como disciplina extracurricular, para permitir maior conexão entre a teoria e a realidade, conduzindo a novos conhecimentos em relação a esta questão.

Estabeleci contato com a Delegacia de Ensino de Campinas, pedindo indicações de escolas da rede Municipal que desenvolvessem um projeto de teatro com seus alunos. Foi então que a Delegacia de Ensino indicou-me o CEFORMA (Centro de Formação de Professores, vinculado à Secretaria da Educação de Campinas), que possui um departamento de Arte e Educação, o qual possivelmente me forneceria as informações que eu necessitava.

A partir do contato com o CEFORMA, foi-me dada a indicação de uma escola em que o projeto de teatro estava bastante ativo e com resultados, até o momento, muito positivos: a EMPG "Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco", uma escola localizada no bairro Jardim Nova Europa, que atende crianças de 1ª a 8ª série.

Definida a escola que provavelmente me possibilitaria o desenvolvimento da investigação empírica, estabeleci contato com o professor coordenador do projeto, explicando-lhe a finalidade da minha pesquisa. O professor, após ler o projeto, autorizou-me a fazer um "estágio" nas suas aulas de teatro, desde que eu deixasse claro à Diretora da escola os propósitos sobre a pesquisa.

Depois de conversar com a Diretora, a qual aprovou o meu "estágio", dei início a uma nova etapa da pesquisa: a coleta de dados. Esta etapa foi realizada através das observações dos encontros do grupo de teatro, durante os meses de agosto a novembro de 1997, em que alguns dados foram coletados e anotados no diário de campo.

Procurei realizar observações semanais, às sexta-feiras, dia em que o grupo se reunia, sendo que estive sempre presente a estes encontros, procurando manter uma postura neutra para que não houvesse interferência no trabalho do professor, assim como a realização das entrevistas com os alunos participantes do grupo.

Não havia definido, no projeto de pesquisa, a faixa etária a ser pesquisada, devido a falta de informações sobre quais séries os trabalhos de teatro realizados nas escolas eram atingidas e levando em consideração a ausência deste tipo de projeto nas escolas Municipais. A partir do contato com a escola, pude constatar que o trabalho com o teatro era desenvolvido com pré-adolescentes, de 5ª a 8ª série. Assim, limitei-me a pesquisar alunos da faixa etária correspondente a estas séries, isto é, entre 11 a 15 anos.

Outro fator importante que ainda não havia sido definido, refere-se ao número de alunos a ser entrevistado. Em conversa inicial com o professor orientador deste projeto, concluímos a necessidade de se ter uma amostra razoável de alunos, definindo o número de 30 (trinta) entrevistas, para que a partir da interpretação dos dados pudéssemos chegar à uma análise que permitisse obter os resultados esperados desta pesquisa.

Mas no decorrer do processo, em consequência do desligamento de alguns alunos do grupo e do resultado favorável obtido através das entrevistas, e visto que o fator tempo não colaboraria para a extensão desta pesquisa em outras escolas, ficou estabelecido, após uma análise das entrevistas e conversa com o professor orientador desta pesquisa, que a amostra de dez alunos obtida já era suficiente para chegar a algumas conclusões esperadas.

Como o objetivo desta pesquisa é tentar saber dos alunos quais os seus progressos em relação ao desenvolvimento pessoal, a partir das atividades teatrais, a amostra de dez alunos entrevistados, entre 5ª e 8ª série,

participantes ativos no período em que presenciei o trabalho teatral, pôde me trazer uma visão suficiente do papel que o teatro exerce dentro do ambiente escolar. As respectivas entrevistas foram fielmente transcritas (em anexo) e analisadas.

No final do 2o. semestre do ano de 1997, as observações e entrevistas já haviam sido realizadas. Portanto, não houve a necessidade de dar continuidade ao acompanhamento do grupo neste ano de 1998, fator que já estava estipulado no cronograma no projeto.

Neste período de ida a campo, procurei trabalhar também com a parte teórica a respeito do tema em questão. Aproveitei para promover uma aproximação de leituras que serviram como base na elaboração do projeto. Como por exemplo as idéias de Reverbel, a respeito do seu trabalho, por quatro décadas, no campo do teatro na Educação. Procurei retratar a importância da arte na educação, através da posição de Courtney, que acredita que o jogo dramático aplicado na escola enriquece o desenvolvimento da criança; e das citações de Coelho, enfatizando que ao mesmo tempo que se deve estimular a capacidade criativa individual da criança, deve-se proporcionar uma atitude coletiva de criação.

Enfocarei ainda os trabalhos de Augusto Boal, Moreno e Lopes, os quais possuem larga experiência com técnicas teatrais, e apresentam contribuições de extrema importância às pesquisas na área de teatro.

3.2. PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Para o registro dos dados coletados nas observações, foi utilizado o Diário de Campo. Este importante instrumento permitiu fazer um apanhado geral do conteúdo das observações: a descrição de algumas atividades, a posição do professor e alunos frente ao trabalho desenvolvido, as condições em que as entrevistas foram realizadas e a retratação do espaço físico destinado às atividades teatrais.

O recurso da entrevista serviu como forma de adquirir as informações desejadas, onde o entrevistado teve a oportunidade de falar sobre o tema de acordo com os conhecimentos que possui.

A questão citada abaixo foi proposta inicialmente no projeto desta pesquisa, com o intuito de tentar investigar o posicionamento dos alunos em relação ao aprendizado teatral dentro da escola em estudo.

“Quais seus progressos, em relação ao seu desenvolvimento pessoal, a partir da vivência com o teatro?”

A partir do contato que tive com o grupo de teatro e da primeira entrevista realizada, verifiquei que esta era uma questão longa e que deixou o entrevistado um pouco confuso. Tendo em vista esta dificuldade, tentei deixar a questão um pouco mais clara e simples, aproximando-a ao nível de entendimento do aluno, não interferindo, de modo algum, nos objetivos esperados.

Desta forma, a questão utilizada nas entrevistas foi a seguinte:

“Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?”

Uma questão aberta, na tentativa de evitar a indução de respostas nos sujeitos e que possibilitou uma participação bastante ativa, em que puderam fornecer informações precisas e espontâneas a partir de suas experiências.

Foi utilizada a pesquisa qualitativa, que neste caso provou ser o meio mais eficaz para a coleta deste tipo de informações.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, isto é, em duas visitas à escola. No primeiro dia, foram realizadas quatro entrevistas, com os alunos da 5ª série. Com um aluno de cada vez, as entrevistas foram realizadas num espaço aberto e silencioso da escola, numa espécie de jardim. Não havia, neste dia, nenhuma sala vazia disponível para a realização desta etapa.

Os outros seis alunos, de 6ª a 8ª série, foram entrevistados na sexta-feira seguinte. Com um aluno por vez, as entrevistas foram realizadas no refeitório, local que, no momento, propiciava grande silêncio.

Assim, aluno por aluno, realizei as entrevistas previstas sem nenhuma dificuldade para o desempenho destas. Os dados obtidos foram registrados por meio de gravação, o que possibilitou um registro fiel das respostas dos entrevistados.

Todas as entrevistas foram feitas no horário destinado às aulas de teatro. Alguns alunos estavam acanhados devido ao uso do gravador, instrumento necessário para o registro de suas falas. No decorrer da conversa, os entrevistados, aos poucos, desprendiam-se da presença do gravador e passavam a se expressar com maior liberdade e confiança.

No total, foram realizadas dez (10) entrevistas, de acordo com o número de alunos que participaram da oficina de teatro oferecida na escola.

Também, o recurso da fotografia foi utilizado - em algumas atividades desenvolvidas dentro do espaço destinado ao trabalho e em algumas apresentações dos alunos sobre o trabalho relativo ao folclore -, como meio de registrar a realidade vivenciada pelo grupo: a prática teatral. As fotos estão anexas, na parte final do trabalho, e retratam um pouco a realidade que presenciei no período destinado às observações e as entrevistas, retratando o trabalho empírico desenvolvido.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a transcrição dos depoimentos, onde evitei a influência de idéias pré-estabelecidas, as quais poderiam prejudicar os objetivos da pesquisa qualitativa, foram considerados alguns aspectos importantes para a realização da análise destes depoimentos.

Primeiramente os depoimentos (em anexo) foram lidos um a um, de forma atenta e repetitiva, na tentativa de apreender o sentido do todo e obter a compreensão da linguagem contida nos textos.

Entendida a linguagem dos entrevistados, buscou-se o sentido geral de cada depoimento e no seu conjunto, possibilitando a identificação das unidades de significado contidas no discurso.

Algumas categorias foram compostas, a partir das convergências e divergências das descrições expressas pelos sujeitos, de acordo com as suas percepções e intenções. As categorias foram tematizados da seguinte maneira:

- Expressão e Comunicação;
- Desenvolvimento Cognitivo;
- Interação e Relacionamento;
- Teatro na Sala de Aula.

Estas categorias tematizadas formaram as unidades de significado, que após terem sido classificadas, passaram por um processo de síntese das unidades que atribuem um significado. Nesta síntese, observaram-se as convergências entre os sujeitos em cada categoria das unidades de significado.

Após ser feita a síntese sobre cada unidade de significado, procurei realizar uma "Síntese Geral", fazendo um apanhado de todas as categorias até então abordadas.

A seguir, destacarei as unidades de significado com suas respectivas sínteses.

Observação: as siglas vindas após as citações referem-se ao respectivo depoimento do aluno.

⇒ **EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO**

"... a se soltar mais, com o público e com os amigos" (A-1)

"... porque eu estou aprendendo com o teatro, como a falar as coisas... Agora eu também dou as minhas idéias... Também acho que o teatro ajuda no ritmo das coisas, no jeito de andar..." (A-2)

"... antes eu tinha muita vergonha de chegar, conversar, pedir hora. agora eu não tenho mais." (A-3)

"... deixa a gente mais à vontade" (A-4)

"... ajuda a gente a se expressar com o corpo, com os gestos... trabalha com o físico... ajuda a deixar a gente mais desinibido" (A-5)

"O teatro me ajuda a conversar com as pessoas. Antes eu tinha vergonha, era bastante tímida; agora não sou mais... O teatro também trabalha com a forma de se expressar. Eu comecei a me expressar para o público. E da mesma forma que eu consigo me expressar com o teatro, eu consigo me expressar melhor com os meus colegas". (A-6)

"... a ser mais extrovertida, falar alto, conversar com as pessoas que a gente conhece. Ele vai ajudar a melhorar a voz" (A-7)

"Perder a vergonha. Eu acho que com os amigos... a gente vai tendo mais amigos" (A-8)

"A gente aprende a se comunicar mais com os outros" (A-9)

"O teatro me ajudou a perder a vergonha. Ficou mais fácil de eu conversar com as pessoas, a me expressar melhor, a me comunicar melhor" (A-10)

SÍNTESE

A partir da categoria "Expressão e Comunicação", pode-se observar o quanto a Oficina Teatral auxiliou os alunos no que se refere à expressão

corporal e verbal, facilitando, desta forma, a maneira de comunicação verbal para com os outros, assim como no trabalho mais ativo do corpo.

Os alunos tornaram-se mais desinibidos e perceberam esta mudança, sentindo mais liberdade e confiança nas suas formas de comunicação.

É preciso destacar que, embutido nas formas de comunicação, há um desprendimento da voz, juntamente com o aspecto de extroversão.

⇒ **DESENVOLVIMENTO COGNITIVO**

“No desenvolvimento mental... porque eu estou aprendendo com o teatro, como a falar as coisas...” (A-2)

“... o teatro ajuda na minha imaginação, na criatividade” (A-3)

“... deixa a gente mais criativo” (A-4)

“A gente também usa muito a criatividade: os alunos, os coordenadores; a gente fica mais solto para fazer as peças” (A-5)

“O teatro também ajuda na criatividade, tipo desenho. A gente tem muito disso, de falar como é que vai criar um personagem, como vai ser o personagem.” (A-6)

“A criar coisas, criar a cena, ter idéias para fazer a redação.” (A-7)

“Porque quem assiste está vendo o que está se passando no mundo de hoje... Você pode tratar de vários assuntos a partir do teatro... não só dentro da escola, como lá fora também, porque você aprende e ensina também... O teatro ajuda em muitas coisas, até assim, coisas do folclore, muita coisa que eu não sabia, eu entendi”. (A-8)

“Como esta peça que a gente está fazendo agora, a gente mesmo cria, e prá não ficar uma coisa chata, tem que pensar, tem que usar a criatividade” (A-9)

“A gente cria uma coisa diferente, vai montando. Pega uma parte daqui, outra dali e monta... Às vezes a gente cria o que está acontecendo no mundo, ou uma coisa de fantasia” (A-10)

SÍNTESE

No que se refere a categoria “Desenvolvimento Cognitivo”, os sujeitos apontam, em sua grande maioria, a criatividade. O teatro, neste caso, exige de seus sujeitos a criação constante, não somente de cenas, personagens, cenários - em que cada um expõe suas idéias -, mas também no que se refere ao jogo, o que lhes permite maior liberdade no ato de criar, da maneira que melhor lhe convier.

Desta forma, há a busca de um referencial daquilo que conhecem para ser inserido neste processo de criação. Uma forma de expor diversas realidades como veículo na transmissão de conhecimentos. Ou também pode acontecer o inverso: a busca de algo que não conhecem como forma de apreensão de conhecimento para aquele momento de criação.

Portanto, o teatro pode ser um meio para a retratação da realidade, tanto no que se refere ao aprendizado, como na transmissão de conhecimentos.

⇒ INTERAÇÃO E RELACIONAMENTO

“... aprende a lidar com crianças... Trabalha com o psicológico das pessoas... Eles (quem faz teatro) têm o psicológico melhor” (A-5)

“No teatro eu tenho que subir no palco, falar na frente de todo mundo. Aí eu conheço todo mundo e começo a conversar”. (A-6)

“Ajuda a se relacionar com as pessoas, ajuda a gente ficar mais solta, mais relaxada, sem ficar muito tensa...” (A-7)

“Além de tudo a gente está sempre unido, porque prá fazer alguma coisa, uma pessoa só não dá” (A-9)

“O teatro acaba mostrando aquilo que eu estou sentindo... acho que a convivência com as pessoas que assistem, o público, os que trabalham junto com você, fica mais fácil. Ajuda muito na forma de se relacionar com o grupo.” (A-10)

SÍNTESE

No discurso dos alunos a respeito da “Interação e Relacionamento”, percebe-se a aproximação desses para com os outros. Os depoimentos apontam que, devido ao fato de estarem menos inibidos, encontram maior facilidade em se relacionar com as demais pessoas, tanto com as conhecidas, como com as desconhecidas.

Devido à adaptação da criança no grupo e no decorrer do processo, com a manifestação de sentimentos, acaba ocorrendo a interação entre todos os membros do grupo, o que facilita o desenvolvimento do trabalho proposto, auxiliando tanto na discussão dos problemas como na sua solução, fato que contribuirá certamente no processo de criação.

⇒ **TEATRO NA SALA DE AULA**

“O teatro ajuda na sala de aula também, porque a gente pode apresentar trabalho sem ficar tremendo, com vergonha em dar aula, em responder as perguntas” (A-7)

“O teatro ajuda até na sala de aula, por exemplo, quando você vai expor um trabalho, você pode lembrar de alguma coisa que você apresentou... relacionar aquilo que você aprendeu no teatro com aquilo que está aprendendo na escola”. (A-8)

“Na hora da gente apresentar trabalho, como a gente perde a vergonha (com o teatro), a gente vai lá, fala tudo direitinho, não fica nervoso. Porque na classe, você não pode ficar nervosa, você não pode errar nenhuma palavra, senão o professor tira ponto” (A-9)

“O teatro prá mim é uma arte... É um meio de mostrar a arte” (A-10)

SÍNTESE

Pode-se observar na categoria mais geral, "Teatro na Sala de Aula", que os alunos acreditam haver uma forte contribuição do teatro dentro das disciplinas curriculares.

Primeiramente é preciso considerar o quanto o teatro facilita a forma de expressão e comunicação, que diretamente contribui para cumprir as regras exigidas pelos professores, na apresentação de trabalhos, seminários, provas. Assim, a partir da vivência com o teatro, os alunos sentem-se menos ansiosos e mais seguros para a realização destas exigências.

Também é apontada a questão do conhecimento. Muitas vezes poderá ser utilizado dentro da sala de aula alguns temas e assuntos já trabalhados na Oficina de Teatro. Algo que já foi apreendido pode ser retomado e reaproveitado em sala de aula.

SÍNTESE GERAL

A partir das sínteses das unidades de significado, faço aqui um breve resumo, tentando elucidar a importância destas categorias como um todo.

Foram verificados, a partir do discurso dos alunos, alguns dos benefícios propiciados pelo grupo de teatro, no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal, na relação com os outros e o meio, e no aprendizado em geral.

Primeiramente chamo a atenção para o aspecto da desinibição, que auxilia de maneira preponderante as formas de comunicação e expressão dos alunos, tanto no que se refere ao corpo quanto aos sentimentos e expressão verbal.

A interação e relacionamento são intimamente beneficiados pelo processo de desinibição, o que facilita no relacionamento com as demais pessoas e entre as pessoas do próprio grupo, onde os participantes sentem maior confiança para manifestar as idéias, sentimentos e opiniões - fatores imprescindíveis para um bom trabalho em grupo.

Os aspectos de interação e comunicação favorecem igualmente o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula pelos demais professores, porque os alunos passam a expressar mais livremente de acordo com as exigências curriculares.

O desenvolvimento cognitivo também é atingido pelas técnicas teatrais, em que há grande manifestação da criatividade pelos participantes, na busca e troca constante de conhecimentos, com a inserção de aspectos importantes da realidade. Sendo assim, essa busca de conhecimentos influencia diretamente o trabalho em sala de aula, havendo a oportunidade de abordar, no grupo de teatro, temas propostos pelas demais disciplinas, possibilitando a troca constante de informações.

5. O TEATRO NA REALIDADE ESCOLAR

Farei aqui uma apresentação do trabalho empírico realizado no grupo de teatro da escola estudada, caracterizando o projeto de teatro, a turma, o trabalho do professor com seus alunos, e a maneira que os dados foram coletados, assim como algumas atividades realizadas no período em que estive presente com o grupo. Desta forma, pretendo esclarecer ao leitor alguns pontos importantes, oferecendo-lhe melhor compreensão do contexto em que se deu a investigação.

O professor coordenador do projeto de teatro é o professor D., professor de Educação Física da escola, que elaborou e encaminhou o projeto à Prefeitura de Campinas, o qual foi aprovado. O projeto "Teatro-Oficina" foi iniciado no ano de 1993, dando continuidade no ano de 1996, com um novo título: "Arte-Educação". Funciona como uma atividade extracurricular, com a finalidade de atender alguns alunos do nível ginásial, e tem os seguintes objetivos:

- A formação global do aluno: cidadão consciente, criativo e crítico;
- Reconhecer a importância da Arte-Educação como disciplina e instrumento de educação do ser humano;
- Incentivar as diversas formas de expressão: teatro, música e dança;
- Resgatar, refletir, valorizar e vivenciar a sua própria cultura;
- Trabalhar objetivamente com diversas pesquisas nesta área;
- Melhorar a participação e integração do aluno na sala de aula e em sua vida (indivíduo mais comunicativo, desinibido, criativo e crítico);
- Socialização e lazer, envolvendo toda a comunidade escolar;
- Atender aos interesses e necessidades dos alunos.

Para participar do projeto, os alunos foram informados, na sala de aula, sobre o curso de teatro que seria realizado na escola, fora do horário de aula, e que os primeiros inscritos participariam da atividade.

Não há, na escola, um professor dedicado apenas à atividade teatral; um professor que tenha a formação específica e básica nesta área, que possa se dedicar integralmente à esta atividade. Deste modo, não há uma disciplina que faça parte do currículo escolar que trabalhe o teatro.

O projeto, elaborado pelo professor, no ano de 1997, teve o objetivo inicial de atender o número de 30 alunos, de 5ª à 8ª série - quando iniciei a pesquisa de campo o número de alunos totalizava dezessete. Restringe-se ao tempo limite de uma hora e meia semanal, isto é, os alunos se reúnem toda 6ª. feira, no período da tarde, fora de seus horários regular de aula, desde o mês de março de 1997. Alguns alunos, de 6ª a 8ª série, já haviam participado das atividades teatrais no ano anterior, mas a maior parte iniciou as atividades neste ano.

Este trabalho teatral é realizado numa sala pequena, na sala de vídeo da escola, que contém algumas cadeiras e mesas, uma televisão e um videocassete. Não é uma sala muito espaçosa, o que não favorece o trabalho com o número de alunos esperado pelo projeto - 30 alunos.

Limitei-me, neste trabalho de campo, a não interferir na dinâmica utilizada pelo professor, tentando restringir-me apenas a observar o que acontecia com o grupo. Muitas vezes, fui interrogada pelo professor sobre aquilo que os alunos estavam realizando, em que requeria algumas opiniões e sugestões de minha parte.

As minhas observações de campo, semanais, iniciaram-se no mês de agosto, mês em que o professor interrompe suas atividades teatrais e cede o seu espaço de aula para o trabalho de um outro projeto destinado pela Prefeitura: O Folclore Popular Brasileiro - "Bumba-meu-Boi".

Este trabalho sobre folclore foi realizado por algumas integrantes de uma escola particular de teatro/dança, que tiveram o projeto aprovado pela Prefeitura de Campinas e, desde então, vêm desenvolvendo o trabalho em várias escolas da rede, com a duração de um mês.

Desta maneira, como este projeto sobre o folclore enfatizava o trabalho com arte, música, dança e dramatização - aspectos enfatizados no projeto do professor de teatro -, as atividades teatrais foram substituídas, neste mês de

agosto, num acordo entre a escola e o professor D., para a realização de uma pequena montagem sobre o "Bumba-meu-Boi".

Todas as crianças do grupo de teatro, e mais algumas de séries diversas, interessadas em participar deste projeto específico, montaram e apresentaram, neste mês, a dança/peça para a comemoração do mês do folclore. Neste trabalho, o professor de Educação Física deu todo o apoio técnico necessário à montagem, assim como foi o responsável pela organização dos alunos, com relação às informações e às reuniões.

Após a realização deste trabalho com folclore, o professor reinicia suas atividades com o grupo de teatro. Em setembro, retoma com o grupo alguns aspectos da atividade realizada sobre o folclore, mostrando aos alunos os respectivos resultados, como as fotografias, o vídeo, a gravação das músicas, o figurino, e, assim, reuniu alguns participantes desta montagem (os integrantes do grupo de teatro) para a realização de uma avaliação sobre o desempenho de cada um e sobre o objetivo e resultados da proposta em si.

Em consenso, alunos e professor chegaram à conclusão de que não houve nenhum estudo prévio sobre o folclore: o texto já estava preparado, não foi focado nenhum outro aspecto folclórico que não fosse o texto. É importante levar em consideração que este é um assunto bastante abrangente que envolve muitas regiões do país, na retratação das tradições populares.

Infelizmente a grande preocupação das organizadoras estava centrada nos ensaios e memorização das músicas e falas e na utilização dos instrumentos musicais (zabumba, pratos, caixa). Com esta constatação, é necessário frisar que os alunos, apesar de não terem abordado o tema folclore de um modo mais abrangente, tiveram a oportunidade de entrar em contato com uma das tradições do folclore, conhecendo algumas de suas características, como músicas e personagens referentes ao "Bumba-meu-boi".

No mês de outubro, as atividades foram realizadas com um número reduzido de alunos, em que nem sempre todos estavam presentes.

Percebi que o professor se desanimava diante da indiferença que alguns alunos tinham frente ao seu trabalho: uns chegavam muito atrasados aos encontros, outros se queixavam das atividades, outros não desenvolviam aquilo que era proposto pelo professor, não participando da aula. Alguns

alunos acabaram se desmotivando e, por fim, desintegrando-se do grupo, o que acarretou a diminuição dos integrantes, que antes contava com dezessete, resultou num total de apenas dez alunos.

Por não possuir nenhuma formação ou base mais aprofundada com atividades teatrais, o professor transmite a sensação de estar um pouco perdido, sem saber o que fazer para estimular novamente os alunos.

REVERBEL (1989), a respeito da formação dos professores da área teatral afirma:

"O professor tem que contar com um vasto repertório de atividades, criadas em função dos interesses e necessidades dos alunos e adequadas às diferentes faixas etárias" (p.34).

Partindo das considerações de Reverbel, talvez o professor D. não estivesse suficientemente preparado para lidar com os diferentes interesses dos alunos, que variavam, possivelmente, de acordo com a realidade e faixa etária de cada um.

O professor retoma as atividades do seu projeto. Em decorrência do desestímulo dos alunos, o professor não conseguia esconder o seu desânimo, não encontrando alternativas para motivá-los novamente. Além de alguns exercícios costumeiros de aquecimento e relacionamento, não havia uma proposta objetiva a ser trabalhada.

Pede-me o auxílio para que eu leve algumas sugestões de atividades para a próxima aula. Como o objetivo deste estudo não enfatiza a minha participação ativa dos encontros, neguei este tipo de auxílio, explicando-lhe a verdadeira razão para tal indiferença.

Na aula seguinte, o professor inicia o seu trabalho com algumas técnicas de relaxamento, aquecimento e interação, retiradas do livro Jogos Teatrais na Escola, de Olga Reverbel. Pergunta aos alunos o que estes gostariam de trabalhar no mês de outubro, qual o tipo de peça gostariam de montar. Um aluno sugere a montagem de palhaços, devido ao Dia das Crianças.

A idéia é aprovada por todos, com entusiasmo, e o professor se anima com a sugestão. É importante destacar que esta foi uma idéia que partiu de um integrante do grupo, não havendo a interferência do tema pelo professor. Os

alunos, no mesmo instante que percebem a reação positiva do professor, começam a fazer palhaçadas e a criarem algumas pequenas cenas sobre palhaços. O professor os interrompe dizendo que primeiramente eles deveriam trocar idéias/informações a respeito do que iriam desenvolver, explicitar suas idéias. Na tentativa de direcionar o trabalho, somente após a troca destas informações é que deveriam colocar em prática o que haviam discutido e imaginado a respeito das cenas com os palhaços.

Esta atitude e interferência do professor acabou bloqueando algumas cenas que já estavam em andamento. Os alunos, atentos às palavras do professor, interrompem as brincadeiras/cenas e tentam verbalizar as suas produções, mas sentem dificuldades para refletirem sobre as ações já realizadas e a verbalizar aquilo que tinham em mente.

Percebo, neste momento, que houve uma interrupção do trabalho criativo. Para REVERBEL (op.cit.) é preciso que o professor respeite e considere as atividades espontâneas dos alunos, tentando favorecer um clima de liberdade de expressão, pois só assim os alunos terão a oportunidade de expressar seus sentimentos e sensações, sem haver censuras por parte dos adultos.

COURTNEY (1978) acredita na credibilidade que o adulto deve dar à iniciativa da criança e coloca:

“... a educação deve referir-se às atitudes e idéias que a criança tem sobre qualquer atividade na qual esteja engajada. É através dessas idéias que a criança toma iniciativa em desenvolver suas atividades ou em tirar delas proveito, exercitando-se em organizar a aprender com a sua experiência, de maneira que toda atividade se torna um projeto pessoal, contínuo, cumulativo e multidimensional”. (p. 54)

Acredito que a intenção de direcionar o trabalho foi executada num momento impróprio. Não discordo da hipótese que o professor deva orientar as atividades, mas num momento de criação, jamais poderia interromper o processo de imaginação e espontaneidade dos alunos.

O professor sugere a utilização de uma música de palhaços ou circo, mas não há ninguém que tenha este estilo de música. Eu ofereci o empréstimo de uma fita que possuo : O Grande Circo Místico (Edu Lobo e Chico Buarque), a qual possui algumas músicas relevantes ao tema e que levaria na semana

seguinte. Desta forma, continuaram discutindo a respeito da composição dos palhaços, trocando idéias a respeito do figurino, da maquilagem, dos objetos que utilizariam em cena.

Na aula seguinte, como havíamos combinado, levei a fita que contém uma música circense. Alunos e professor aprovaram a música e começaram a criar a partir de idéias já discutidas na aula anterior.

Muitas outras cenas surgiram momentaneamente, sem haver discussão prévia a respeito da criação. Em alguns momentos o professor tentava interromper o trabalho de criação para sugerir algum complemento à cena, mas os alunos raramente acatavam essas sugestões. Eles estavam muito mais entretidos na realização das cenas, em que vários momentos eles próprios se corrigiam, criticavam, sugeriam outras alternativas, e se organizavam.

Desta maneira, a partir destas observações do trabalho realizado com os alunos do grupo de teatro, pude ter uma visão mais abrangente do trabalho que o professor realiza.

Estando em contato com os alunos, pude observar a maneira como estes se desenvolviam dentro do grupo, como se organizavam, como se expressavam e até que ponto eram direcionados pelo professor e como reagiam a estas influências.

O trabalho de criação dos palhaços foi interrompido do final de novembro, devido ao término do ano letivo. Não houve um fechamento e registro das atividades que haviam sido desenvolvidas até o momento, o que provavelmente será esquecido para o próximo ano, se houver a continuidade do trabalho.

Como os objetivos desta pesquisa foram realizados no decorrer do segundo semestre de 1997 - observações e entrevistas -, não houve a necessidade de prolongar estes procedimentos para o primeiro semestre de 1998.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os resultados obtidos nas entrevistas, a partir das unidades de significado e juntamente com as observações feitas no trabalho prático com o grupo de teatro da escola, chegamos a algumas conclusões. Estas conclusões são de fundamental importância na tentativa de elucidar os aspectos positivos e negativos desta prática, que é tão desvalorizada e desconsiderada no ensino brasileiro.

Vivenciar o trabalho de um grupo de teatro, em uma escola pública de 1º grau, foi uma experiência bastante significativa. Primeiramente me deparei com a dificuldade em encontrar escolas que estivessem abertas para este tipo de experiência - que são muito poucas. Destas, houve a indicação de apenas uma, a qual, segundo dados do CEFORMA, prosseguia fielmente o projeto de teatro apresentado para a Prefeitura.

No contato com a escola, encontrei enormes desconsiderações em relação ao trabalho com o teatro: falta de preparo do professor, falta de espaço físico, descaso com horários e encontros, desânimo dos alunos.

Mas com todos estes inconvenientes, ainda presenciei, em alguns alunos, o prazer que as atividades lhes propiciava, o que me deu força e coragem para prosseguir na investigação. Um exemplo disso foi o processo de criação das cenas sobre palhaços, um momento extasiante para mim. Ao mesmo tempo em que vejo um professor desestimulado, surge, de repente, a idéia vinda de um aluno e que contagia a todos. No mesmo instante, todos começam a brincar de palhaço, numa total forma de liberdade de expressão.

Vou me deter, neste momento, nos aspectos observados na prática teatral utilizada pelo professor que, a partir do estudo da bibliografia indicada, permitiu a constatação de algumas falhas.

Um fator que me chamou bastante a atenção foi a falta de preparo do professor responsável pela Oficina de Teatro, que além de não ter nenhuma formação específica na área de Artes (é formado em Educação Física e professor desta disciplina), demonstrou, em muitos momentos, insegurança e

desânimo em relação ao trabalho com o teatro. Um professor não-integrante do grupo - era o "professor" e não um componente do grupo-, não participava das atividades em conjunto com os alunos, apenas direcionava o trabalho.

Talvez este seja um dos motivos que tenha favorecido o desinteresse e desistência de alguns participantes do grupo, juntamente com as aulas mal preparadas e conseqüente falta de motivação e criatividade para dar continuidade à Oficina.

Com a ausência de professores especializados na disciplina de teatro, muitas escolas não oferecem esta disciplina, mas algumas enfrentam o desafio, mesmo sem contar com um especialista sobre o assunto.

Deste modo, qualquer professor poderá orientar as atividades dramáticas, desde que tenha alguns conhecimentos sobre as técnicas de expressão, que seja criativo e espontâneo, para expor aos alunos sua auto-expressão, como forma de motivá-los e orientá-los nas atividades, o que não se aplica ao professor em questão.

Segundo Reverbel, o teatro exige um planejamento bem elaborado por parte do professor, com a formulação de objetivos gerais e específicos, na organização de conteúdos, exposição de estratégias, indicação de recursos e definição dos instrumentos de avaliação final. No caso deste estudo, o planejamento de trabalho existia, ao menos no papel, quando o professor elaborou o projeto para a Prefeitura; fato não comprovado na prática, constatado pela falta de preparo e objetivos.

A falta de espaço físico adequado para o desenvolvimento das atividades (uma sala pequena cheia de cadeiras) e o curto espaço de tempo (apenas uma hora e meia semanal), dificultava a tentativa de um trabalho mais ativo, que permitisse a expressão de movimentos e atividades contínuas, com o intuito de atingir os objetivos esperados.

A real necessidade para desenvolver as Atividades Dramáticas seria suprida com uma sala ampla, com móveis próprios para serem utilizados nos jogos, como gravador, projetor, minipalcos, mas, infelizmente, a maioria das escolas não possui este espaço adequado.

Normalmente as salas são pequenas e não há os instrumentos necessários. Mesmo com estas dificuldades, o professor precisa propiciar, no

pequeno espaço disponível, um ambiente que favoreça a livre expressão do aluno, permitindo-lhe confiança para o desenvolvimento das atividades dramáticas.

É importante salientar que o espaço não se limita apenas à sua extensão, mas precisa ser um ambiente silencioso e tranquilo, fatores essenciais que favorecem a concentração dos alunos para o desenvolvimento das atividades.

Em relação ao curto espaço de tempo, pode-se dizer que a escola não prioriza e/ou valoriza este tipo de ensino. Portanto, o trabalho com teatro acaba sendo realizado nas horas ociosas para não interferir no horário destinado às disciplinas curriculares.

Juntamente a estes fatores, soma-se a interferência do professor no processo criativo do grupo, que diretamente bloqueava a espontaneidade e auto-expressão dos alunos.

O professor parecia não dar grande importância aos benefícios propiciados pelo processo do Jogo Dramático (relacionamento, auto-expressão, imaginação, criatividade, espontaneidade, recursos corporais, observação, percepção, ritmo). Preocupava-se muito mais com os resultados finais, rápidos e práticos, impondo suas idéias a respeito das cenas que estavam sendo criadas, num momento de concentração e criação dos alunos.

Ao contrário desta prática, o adulto, no trabalho com o teatro na educação, precisa estimular a imaginação das crianças. Deve despertar as idéias dos participantes e não impor as suas, induzindo-os a raciocinar e buscar soluções para os problemas que encontram, num momento anterior ou posterior ao trabalho de criação, sem que haja a interferência neste processo.

Apesar destes inconvenientes observados no trabalho prático, o resultado das entrevistas foi bastante animador, o que confirma o quanto um trabalho teatral é significativo no contexto escolar, mesmo com suas respectivas falhas, pois favorece o amadurecimento do indivíduo.

A partir dos depoimentos, os alunos apontam alguns aspectos benéficos propiciados pelo convívio com o grupo de teatro:

- O favorecimento nas formas de comunicação e expressão, isto é, maior liberdade e segurança para opinar, gesticular, expressão corporal e verbal.

- Quanto ao cognitivo, onde o teatro favorece o ato e a liberdade de criar, conhecer, aprender, transmitir e pensar.
- Na interação e relacionamento, sentindo-se mais soltos para se relacionarem com as pessoas e o meio, e também na sala de aula, tanto na maneira de se expressar perante os demais colegas de classe quanto na obtenção de conhecimentos comuns ao teatro e às demais disciplinas escolares.

Deste modo, parece-me que os benefícios quanto ao desenvolvimento do indivíduo prevalece sobre as falhas encontradas no ambiente da prática teatral.

Apesar destas falhas serem preocupantes, pelo fato de as atividades com o teatro não serem realizadas da maneira que lhes convém, os próprios alunos apontam os aspectos positivos que o teatro oferece e percebem o quanto esta prática os auxiliam na formação da personalidade.

No resultado geral das entrevistas, pode-se concluir que os alunos percebem claramente suas mudanças a partir do trabalho com o teatro e sentem-se mais confiantes com estas transformações.

Portanto, o teatro realizado no ambiente escolar, mesmo sendo realizado de modo inconveniente, favorece o crescimento pessoal do indivíduo, o que contribui diretamente nas práticas educacionais da escola.

Gostaria de salientar que, frente aos aspectos positivos do teatro realizado na escola, é preciso que os responsáveis pela educação brasileira reconheçam a fundamental importância desta prática no processo educativo (e de outras atividades artísticas), que além de transmitir conhecimentos, valoriza o desenvolvimento natural do indivíduo, respeitando suas formas de expressão - necessidade inata do ser humano -, na sua maneira de comunicar, relacionar, aprender, pensar, e favorece o amadurecimento dos aspectos emocional, intelectual e social do ser humano.

Há a necessidade de maiores investimentos e dedicação para a implementação desta prática nos currículos escolares, assim como oferecer subsídios aos profissionais que se dedicam ao ensino desta arte.

Enfim, com este trabalho, constatou-se a importância das atividades teatrais no ambiente escolar, que valorizam o aluno em si, respeitando suas

mais íntimas formas de expressão no que concerne ao seu desenvolvimento pessoal.

Nota-se, portanto, a necessidade de favorecer liberdade para os indivíduos, para sentirem-se mais seguros nas formas de expressarem a espontaneidade, criatividade, imaginação e extroversão, na atuação ativa do corpo, movimento e voz, o que é possível com a experiência proporcionada pelo teatro.

7. ANEXOS

7.1. ENTREVISTAS

PRIMEIRA ETAPA: Alunos da 5ª. série

(A-1): Aluno D. (11 anos, 5ª. série, participa do grupo de teatro desde março/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno D : Acho que o teatro ajuda a gente a se soltar mais, em relação ao público e também com os amigos.

(A-2): Aluno A. (12 anos, 5ª. série, participa do grupo de teatro desde maio/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno A : Ah, em tudo! No desenvolvimento mental... porque eu estou aprendendo com o teatro, como a falar as coisas... quando eu estou fazendo alguma peça, eu não fico nervosa. Também, antes, no começo, com as pessoas do grupo de teatro, eu ficava com vergonha de conversar com eles, de dar as minhas idéias. Agora não. Antes eles falavam, falavam as coisas, davam idéias e eu ficava quieta. Agora eu também dou minhas idéias. Também acho que o teatro ajuda no ritmo das coisas, no jeito de andar, como por exemplo do palhaço¹. Eu mesma estou criando, no meu jeito de andar, no meu jeito de falar.

¹ Atividade que os alunos estão desenvolvendo, no mês de outubro, com a criação de algumas cenas de palhaços.

(A-3): Aluno C. (11 anos, 5ª. série, participa do grupo de teatro desde março/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno C : Ah, sei lá. Com a minha comunicação com os outros. Porque antes eu tinha muita vergonha de chegar, conversar, pedir hora. Agora eu não tenho mais. Por exemplo, eu estou em algum lugar e pergunto a hora. Antes eu tinha vergonha e agora eu não sinto mais. Também acho que o teatro ajuda na minha imaginação, na criatividade. Agora, no teatro, a gente está fazendo uma peça de palhaços. Antes, se eu fosse fazer um negócio desses, eu não teria criatividade para fazer o meu palhaço. Agora eu já montei o meu. No Bumba-meu- Boi² também foi legal, porque foi uma coisa folclórica. A gente conheceu mais sobre o folclore.

(A-4): Aluno R. (11 anos, 5ª. série, participa do grupo de teatro desde junho/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno R : Ah, ele deixa a gente mais à vontade. É mais gostoso. Ele ajuda a gente, deixa a gente mais criativo. Que nem a do palhaço. Todas essas coisas, são tudo criatividade: do palhaço, do bumba-meu-boi. Criatividade do pessoal todo. Interessei-me pelo teatro porque falavam de teatro, eu achei que fosse legal. E é legal, né! O professor D. passou de classe em classe, perguntando quem queria fazer teatro. A primeira peça que nós fizemos deu vergonha, mas depois...

² Atividade realizada no mês de agosto, com os alunos participantes do grupo de teatro e alguns não participantes.

SEGUNDA ETAPA : Alunos das demais séries - 6ª a 8ª série

(A-5): Aluno S. (14 anos, 7ª. série, participa do grupo de teatro desde março/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno S : Eu acho que ajuda a gente a se expressar com o corpo, com os gestos; aprender a lidar com crianças. Trabalha com o psicológico das pessoas, com o físico. Eu comecei fazer teatro porque eu acho legal o jeito que as pessoas se expressam com o corpo. Eles têm o psicológico melhor. Acho que o teatro também ajuda a deixar a gente mais desinibido. A gente também usa muito a criatividade: os alunos, os coordenadores; a gente fica mais solto para fazer as peças.

(A-6): Aluno R2. (15 anos, 7ª. série, participa do grupo de teatro desde o ano de 1996)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno R2 : O teatro me ajuda a conversar com as pessoas; antes eu tinha vergonha. Agora eu comecei a conversar com bastante gente, eu me sinto mais desinibida. Antes eu tinha bastante vergonha, era bastante tímida; agora eu não sou mais. No teatro eu tenho que subir no palco, falar na frente de todo mundo. Aí eu conheço todo mundo e começo a conversar. O teatro também trabalha com a forma de se expressar. Eu comecei a me expressar para o público. E da mesma forma que eu consigo me expressar com o teatro, eu consigo me expressar melhor com os meus colegas. Da mesma forma que eu dava minha opinião, todo mundo dava a opinião. Agora que eu estou conseguindo, porque antes eu era tão tímida. O teatro permite mais liberdade prá gente conversar. Na sala de aula não dá, porque a gente não pode

conversar. O teatro também ajuda na criatividade, tipo desenho. Às vezes o professor D. liga o rádio, fala pra gente fechar os olhos e desenhar aquilo que a gente tá pensando. Isto é uma forma de criar, né? A gente tem muito disso, de falar como é que vai criar um personagem, como vai ser o personagem. Como vai criar, qual vai ser a roupa...

(A-7): Aluno J. (13 anos, 7ª. série, participa do grupo de teatro desde março/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno J : Eu acho o teatro muito legal porque a gente aprende a se soltar mais com as pessoas. O teatro está me ajudando a ser mais extrovertida, a falar alto, conversar com as pessoas que a gente conhece. Ele vai ajudar a melhorar a voz, sei lá. Um monte de coisa, né! A criar coisas, criar a cena, ter idéias para fazer a redação. Com o teatro a gente perde aquela coisa de não vou falar isso porque eu não sei o que ele vai pensar. A gente não se importa mais com que o colega vai pensar da gente. O teatro acaba ajudando na sala de aula também, porque a gente pode apresentar trabalho sem ficar tremendo, com vergonha, em dar aula, em responder as perguntas. Ajuda a se relacionar com as pessoas, ajuda a gente ficar mais solta, mais relaxada, sem ficar muito tensa, porque a gente tem que se movimentar bastante no teatro. Antes de eu começar com o teatro eu não conversava muito; tinha vergonha de apresentar trabalho, tinha vergonha de todo mundo, agora eu estou mais solta.

(A-8): Aluno M. (13 anos, 6ª. série, participa do grupo de teatro desde o ano de 1995)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno M : O teatro ajuda a crescer interiormente e externamente. O teatro ajuda em muitas coisas, até assim, coisas do folclore, muita coisa que eu não sabia, eu entendi. Perder a vergonha. Eu acho que com os amigos... a gente vai tendo mais amigos, do teatro e em geral, quem assiste também. Porque quem assiste está vendo o que está se passando no mundo de hoje. O teatro ajuda até na sala de aula, por exemplo, quando você vai expor um trabalho, você pode lembrar de alguma coisa que você apresentou. Por exemplo, você vai fazer um trabalho sobre o dia das crianças... até a violência. Você pode tratar de vários assuntos a partir do teatro. Às vezes você coloca aquilo no teatro, assim, você vai tirar na estória, relacionar aquilo que você aprendeu no teatro com aquilo que está aprendendo na escola. O teatro me ajudou... foi, assim, de ficar no palco, você se acha importante porque está no teatro, para perder a vergonha de apresentar alguma coisa. Aí te chamam para apresentar alguma coisa, você não vai ter vergonha - você faz teatro, como é que você vai ter vergonha? Até quando você vai fazer cartazes, que o professor manda, você acaba lembrando alguma coisa do teatro que pode ajudar. O trabalho do dia dos professores, que a gente fez teatro para os professores, teve um rap que os meninos do teatro fizeram e eu coloquei no trabalho. E nestas coisas em geral, não só dentro da escola, como lá fora também, porque você aprende e ensina também. Você aprende a respeitar as pessoas.

(A-9): Aluno T. (12 anos, 6ª. série, participa do grupo de teatro desde março/97)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno T : Ah, é legal. A gente aprende a se comunicar mais com os outros. Além de tudo a gente está sempre unido, porque prá fazer alguma coisa, uma pessoa só não dá. O teatro ajuda a perder a vergonha. Porque eu era muito tímida, ainda sou um pouco, mas depois que eu comecei a fazer teatro melhorou bastante. Como esta peça que a gente está fazendo agora, a

gente mesmo que cria, e prá não ficar uma coisa chata, tem que pensar, tem que usar a criatividade. É uma pena que a gente não tem muito tempo prá se juntar; não tem um lugar que sempre a gente pode se reunir; quase todos os dias esta sala está sendo usada. E também nem todo mundo quer se reunir sem ser no horário do professor D.. Tem gente que não se preocupa com isso, de se reunir mais vezes. Na hora da gente apresentar trabalho, como a gente perde a vergonha, a gente vai lá, fala tudo, direitinho, não fica nervoso. Porque na classe, você não pode ficar nervosa, você não pode errar nenhuma palavra, senão o professor tira ponto. Então como a gente está sempre trabalhando com essas coisas, de perder a vergonha, então ajuda. A minha mãe falou que é para eu parar com o teatro, porque atrapalha muito. A gente sai muito de casa... porque eu também faço francês e todo os dias tem um lugar prá ir. Daí, com o teatro tem mais lugares prá ir. Daí a gente acaba não ficando mais em casa. Mas eu já falei prá minha mãe que eu não vou parar, e não vou parar.

(A-10): Aluno P. (14 anos, 8ª. série, participa do grupo de teatro desde o ano de 1996)

Entrevistador : Como você acha que o teatro ajuda no seu desenvolvimento pessoal?

Aluno P : O teatro prá mim é uma arte. Eu gosto de apresentar, sabe? Adoro! É um meio de mostrar a arte. Eu não sei explicar direito... prá mim é uma arte muito legal, faz bem prá mim. O teatro acaba mostrando aquilo que eu estou sentindo, se eu faço um papel muito triste...O teatro me ajudou a perder a vergonha. Ficou mais fácil de eu conversar com as pessoas, a me expressar melhor, a me comunicar melhor. O teatro também ajuda a criar bastante, o nosso papel. O professor D. cria, a gente cria bastante. Ele pede prá gente criar o nosso personagem. Ele monta a estória e a gente cria, o que a gente quer. Às vezes a gente cria o que está acontecendo no mundo, ou uma coisa de fantasia. A gente cria uma coisa diferente, vai montando. Pega uma parte daqui, outra dali e monta. Eu já fiz aqui o papel de uma pessoa que chega de viagem, é assaltada e morre. A gente mistura um pouco o sofrimento,

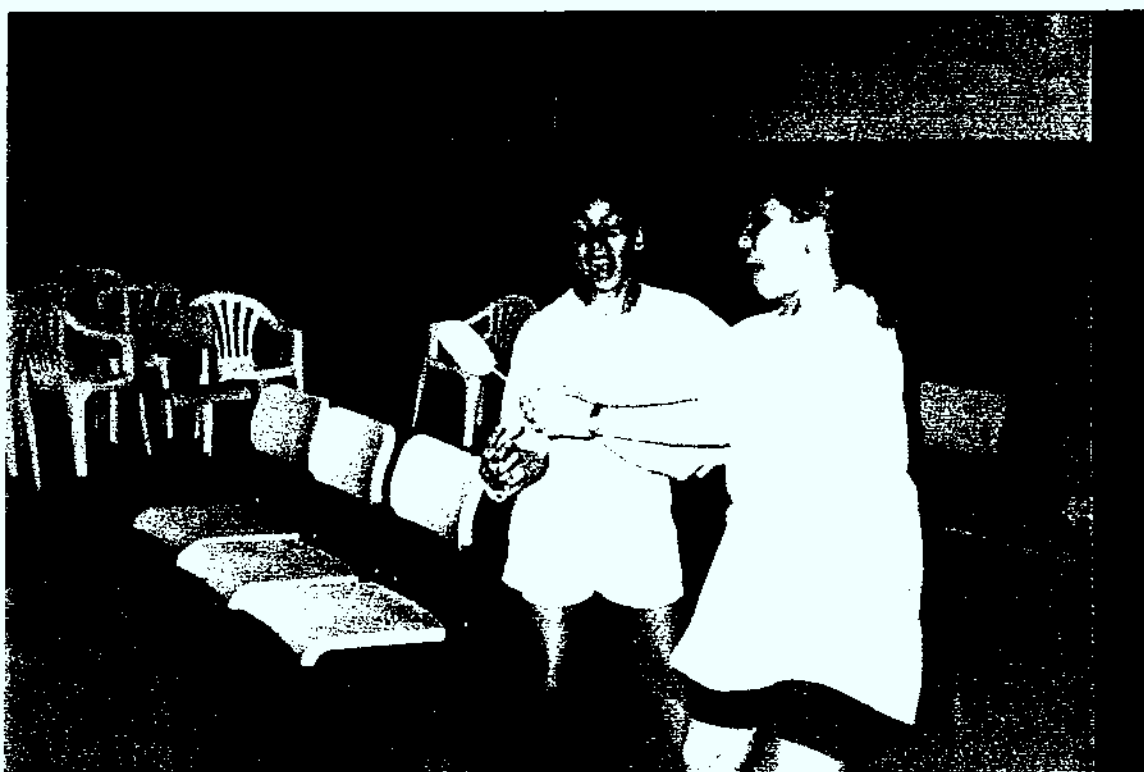
numa estação de um trem. É mais fácil se expressar com o teatro. Porque uma pessoa que não se comunica muito, entra num teatro... acho que a convivência com as pessoas que assistem, o público, os que trabalham junto com você, fica mais fácil. Ajuda muito na forma de se relacionar com o grupo. Eu era muito tímida, aí eu entrei no teatro, daqui da escola, e de vez em quando eu apresento lá na minha casa, para os meus primos pequenos. Então eu brinco com eles lá.

7.2. FOTOGRAFIAS

Crianças em aquecimento



Montagem de cena sobre palhaços



Montagem de cena sobre palhaços



Ensaio das músicas folclóricas



Ensaio das atividades folclóricas



Apresentação da montagem do “Bumba-meu-Boi”



Apresentação da montagem do “Bumba-meu-Boi”



Apresentação da montagem do “Bumba-meu-Boi”



8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Valério José. Ação Psicodramática em sala de aula. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1993. (mimeo)

BARATA, José Oliveira. Didática do Teatro. Coimbra, Livraria Almedina, 1979.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança - o brinquedo - a educação. São Paulo, Sammus Editorial, 1984.

BOAL, Augusto. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

COELHO, Paulo. O teatro na educação. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978.

COURTNEY, Richard. Jogo, Teatro & Pensamento. São Paulo, Perspectiva, 1974.

DUARTE Júnior, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. Campinas, SP, Papirus, 1988.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Brecht: um jogo de aprendizagem. São Paulo, Perspectiva, 1991.

_____. Jogos Teatrais. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1984.

LOPES, Joana. Pega Teatro. Campinas, Papirus, 1989.

MIRANDA, Regina. O movimento expressivo. Rio de Janeiro, Funarte, 1980.

MORENO, Jacob L. O teatro da espontaneidade. São Paulo, Summus Ed., 1984.

REVERBEL, Olga. Jogos Teatrais na Escola. São Paulo, Ed. Scipione, 1989.

_____. Oficina de Teatro. Porto Alegre, Kuarup, 1993.

_____. Teatro na sala de aula. Rio de Janeiro, Liv. José Olympios Ed., 1979.

_____. Um caminho do teatro na escola. São Paulo, Ed. Scipione, 1989.

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. São Paulo, Summus Editorial, 1978.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo, Perspectiva, 1982.